

O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E SUAS BASES TEÓRICAS: VYGOTSKY, SAUSSURE E BAKHTIN (VOLOCHINOV)

Cristiano Egger Veçossi¹

Resumo: O presente artigo discute as bases teóricas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente fundada por Jean-Paul Bronckart (1999; 2006), isto é, as contribuições de Lev Semenovich Vygotsky², Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin (Volochinov). Buscamos compreender não só as principais noções teóricas oriundas dos três autores, como também as articulações existentes entre elas na constituição das questões centrais do ISD, ou seja, no tratamento das atividades e ações de linguagem.

Palavras-chave: Interacionismo Sociodiscursivo; Vygotsky; Saussure; Bakhtin (Volochinov).

Abstract: This paper discusses the theoretical basis of Sociodiscursive Interactionism (SDI), a movement founded by Bronckart (1999; 2006). To do this, we have reviewed the contributions of Vygotsky, Saussure and Bakhtin (Volochinov). We aim to understand the main notions derived from these authors as well as the articulations in the constitutions of the main issues of SDI: the treatment of the activities and language actions.

Keywords: Sociodiscursive Interactionism; Vygotsky; Saussure; Bakhtin (Volochinov).

Considerações iniciais

É crescente a tentativa de compreender as diversas dimensões do humano por meio da linguagem. Nessa direção, estão muitas pesquisas acadêmicas, interessadas na análise de produções verbais concretas, situadas em meio a contextos específicos. Tais estudos, muitos dos quais desenvolvidos em áreas como Comunicação Social, Psicologia e Educação, voltam-se, cada vez mais para a necessidade de aportes do campo da Linguística, haja vista a necessidade de investigar não só *o que* é dito, mas também *como* é dito.

De seu lado, a própria Linguística, por muito tempo predominantemente centrada nos aspectos mais “duros” da língua, tais como o fonológico, o morfológico e o sintático, também tem atentado para a necessidade de compreender de que modo o sistema, colocado em uso, funciona. Entrando nessa seara, acaba se vendo obrigada a recorrer à exterioridade, ou seja, a conhecimentos produzidos por outras áreas do saber.

Nesse sentido, nessa região de contato, encontra-se o Interacionismo Sociodiscursivo (de ora em diante, ISD): não se trata de uma corrente propriamente linguística, nem psicológica ou sociológica; trata-se, segundo as palavras de seu fundador, Jean-Paul Bronckart, *de uma corrente da ciência do humano* (BRONCKART, 2006). De caráter teórico e metodológico, o ISD não só procura

¹ Mestre em Letras – Estudos Linguísticos – pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. cristiano_letras@yahoo.com.br.

² Nos textos do autor, há variação quanto à grafia de seu nome. Neste artigo, utilizaremos preferencialmente “Vygotsky”, mas, no caso das citações e referências, manteremos a grafia constante nas obras citadas.

explicar diversas questões epistemológicas, referentes às produções verbais humanas, como também fornece instrumental de análise (linguística) de tais produções.

Neste artigo, concentramo-nos no primeiro aspecto, ou seja, nas bases teóricas do ISD, sobretudo em três autores principais: Vygotsky, Saussure e Bakhtin (Volochinov). Desse modo, buscamos recuperar as principais noções oriundas dos três autores, a fim de compreendermos de que modo elas se articulam no escopo do ISD. Para tanto, partimos da apresentação da problemática geral do ISD, trabalhando, na sequência, questões teóricas pertinentes de cada um dos três autores enfocados. Nas considerações finais, retomamos as noções centrais dos três teóricos, articulando-as no quadro do ISD.

2 O Interacionismo Sociodiscursivo

Para que se compreenda a problemática desenvolvida pelo Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), é preciso atentar para duas noções fundamentais: *atividade* e *ação* (de linguagem). A noção de atividade remete para as dimensões sociológica e histórica das condutas humanas. Oriunda de Leontiev, diz respeito às “organizações funcionais de comportamentos dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna sobre esse mesmo ambiente” (BRONCKART, 1999, p. 31).

Na espécie humana, a presença da linguagem como um meio particular de comunicação torna complexas as formas de atividade. Em meio à atividade de trabalho, os seres humanos elaboraram ferramentas que lhes possibilitassem ampliar as capacidades comportamentais. A exploração desses instrumentos levou à necessidade de acordo por parte do grupo, o que teria originado as primeiras produções sonoras. Era necessário, nesse contexto, que se utilizassem signos comuns, compartilhados pelo grupo, a fim de garantir a comunicação. Nesse sentido, conforme Bronckart (Ibidem, p. 33), “a linguagem propriamente dita teria então emergido sob o efeito de uma negociação prática (ou inconsciente) das pretensões à validade designativa das produções sonoras dos membros de um grupo envolvidos em uma mesma atividade”.

Os signos, então, sendo compartilhados pelos membros do grupo, veiculam representações coletivas do meio, as quais se configuram em interação com o que Habermas denominou *mundos representados*. Conforme o autor, os signos funcionam, inicialmente, como representações relativas a parâmetros do ambiente, os quais compõem o *mundo objetivo*. Mas os signos também envolvem conhecimentos coletivos acumulados, formas convencionais de organização da tarefa e de cooperação entre os membros do grupo, constitutivos de um *mundo social*. Cada indivíduo, por sua vez, reformula esses conhecimentos coletivos acumulados, os quais passam a integrar seu *mundo subjetivo*. É o mundo social que condiciona as formas de estruturação dos mundos objetivo e subjetivo, uma vez que é ele que regula o acesso do indivíduo aos objetos do meio.

Desse modo, de acordo com Bronckart (1999, p. 35), o processo de semiotização “dá lugar ao nascimento de uma **atividade** que é propriamente **de linguagem** e que se organiza em **discursos** e em **textos**”. Esses textos organizam-se em **gêneros**.

No âmbito da ação, as condutas humanas são consideradas em sua dimensão psicológica, o que nos remete para um agente individual e para as propriedades psíquicas atribuídas a ele. De acordo com Bronckart (Ibidem, p. 42), “a tese central do interacionismo sociodiscursivo é que a ação constitui o resultado da **apropriação**, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem”. Nesse sentido, ao agente é atribuída a existência de um motivo, de uma intenção e de responsabilidade referentes ao seu agir.

Retomando os mundos de Habermas, no nível individual, quem age exhibe pretensões à validade com relação aos três mundos: busca a verdade (com relação aos parâmetros do mundo físico); a conformidade (quanto às regras sociais) e a autenticidade (no que diz respeito ao mundo subjetivo). Munidos desses parâmetros, os seres humanos julgam as ações dos demais membros do grupo social, bem como as suas próprias ações (uma vez que têm consciência de que também são julgados pelos demais membros a partir de tais coordenadas). Nesse sentido, os indivíduos particulares “**se apropriam** das capacidades de ação, dos papéis sociais e de uma imagem sobre si, isto é, das representações de si mesmos como agentes responsáveis por sua ação” (BRONCKART, 1999, p. 44).

Desse modo, Bronckart ressalta que, como é possível atestar observando-se o processo de aquisição da linguagem pela criança, sem a intervenção avaliativa do social, nenhum ser humano é capaz de construir sua linguagem; ao se apropriar dos critérios dessa avaliação é que as produções iniciais da criança são transformadas em ações de linguagem, o que torna o bebê um agente, capaz de administrar as intenções e motivos de seu dizer.

Conforme Bronckart (Ibidem, p. 47), no processo de semiotização, o agente humano constrói representações sobre três aspectos do contexto da ação de linguagem: sociosubjetivo, físico e verbal. A escolha dos signos dentro do repertório oferecido por uma língua particular é orientada, em primeiro lugar, por representações pessoais sobre as normas sociais e a imagem de si mesmo que convém veicular, o que constitui o aspecto sociosubjetivo do contexto da ação de linguagem. Em segundo lugar, devem ser consideradas as representações dos parâmetros objetivos do ato verbal: representações construídas pelo agente sobre si mesmo como locutor/escritor, sobre seus interlocutores potenciais e sobre a situação espaço-temporal de seu ato, as quais compõem o aspecto físico do contexto da ação de linguagem. Por fim, entram em jogo os conhecimentos de ordem intertextual: o que o agente sabe sobre aspectos da língua natural, bem como sobre os gêneros de texto em uso (arquitexto da comunidade), o que constitui o aspecto verbal do contexto de ação de linguagem.

Considerando a importância de Vygotsky, Saussure e Bakhtin (Volochninov), convém retomarmos as principais noções teóricas dos três autores, demonstrando de que modo elas são articuladas para a composição da base teórica do ISD.

3 O ISD e a retomada do pensamento de Vygotsky

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) inscreve-se no interacionismo social, posição epistemológica geral composta por diversas correntes da filosofia e das ciências humanas, as quais têm em comum a concordância com relação à tese de que “as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um

processo histórico de **socialização**, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos **instrumentos semióticos**” (BRONCKART, 1999, p. 21).

Tomando como central a historicidade do ser humano, o interacionismo social se interessa tanto por, no nível filogenético (desenvolvimento da espécie), compreender as condições sob as quais se desenvolveram formas particulares de organização social, quanto, no ontogenético (desenvolvimento do indivíduo), perceber de que modo se desenvolveram formas de interação de caráter semiótico. Conforme Bronckart (Ibidem, p. 22), o interacionismo social, portanto, “trata dos processos filogenéticos e ontogenéticos pelos quais essas propriedades sociossemióticas tornam-se objeto de uma apropriação e de uma interiorização pelos organismos humanos”.

Nesse sentido, o interacionismo social tem no trabalho de Vygotsky a fundamentação teórica central, especialmente no que se refere à importância da linguagem na obra do pensador russo. Além disso, são fundamentais as noções de mediação e internalização das funções psicológicas superiores.

Para Vygotsky (2008), no processo de desenvolvimento da criança, o pensamento e a linguagem têm origens diferentes e desenvolvem-se segundo trajetórias distintas antes que ocorra a ligação entre ambos. Conforme o autor (2008, p. 49), no nível ontogenético, antes de ocorrer tal ligação, existiria um período pré-linguístico do pensamento – no qual a criança revela uma espécie de inteligência prática, a partir da qual é capaz de agir no ambiente ainda sem a mediação da linguagem – e um período pré-intelectual da fala – no qual a criança já se utiliza de manifestações verbais tais como o choro e o balbúcio como forma de alívio emocional e de contato social.

Por volta dos dois anos, pensamento e linguagem encontram-se, dando início a uma nova forma de funcionamento psicológico. Nesse ponto do desenvolvimento, a fala da criança se torna intelectual (generalizante) e o pensamento torna-se verbal (mediado pela linguagem). Contrariando a concepção que considera a linguagem como simples meio de transmissão do pensamento, Vygotsky (Ibidem, p. 156-157) a coloca como central, ao afirmar que “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir”.

Com relação à noção de mediação, essa aparece, em Vygotsky (2007), primeiramente como relacionada à interposição de um elemento intermediário no interior de uma relação, fazendo com que esta deixe de ser direta. O autor trata do uso de elementos mediadores tanto no desenvolvimento do indivíduo (signos) quanto da espécie (instrumentos de trabalho):

A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e o uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (VIGOTSKI, 2007, p. 52).

No caso da função dos signos como instrumentos da atividade psicológica, o autor destaca, inicialmente, a utilização intencional de certos objetos do cotidiano como auxiliares da memória (por exemplo, quando se quer lembrar de algo e, para

isso, se ata um nó), o que, mais tarde, desencadeará no uso de signos no âmbito interior, fato que torna a função psicológica superior, em função da internalização.

Para Vygotsky (2007, p. 56), chama-se internalização “a reconstrução interna de uma operação externa”. Assim, no caso da utilização de signos, esta se reelabora, transformando-se de modo a atingir os processos mentais, interiores. Tal transformação só ocorre em função do social: antes de atingir o nível intrapsicológico (individual), todas as funções psicológicas superiores ocorrem primeiramente em nível interpessoal (social). Nesse ponto, vale acrescentar que, além do processo de mediação simbólica, para Vygotsky, é fundamental o papel do outro, geralmente considerado o parceiro mais competente, que impulsiona o desenvolvimento do que se encontra em estágio inferior de desenvolvimento.

Cumpra agora destacar como a questão da linguagem, bem como as noções de mediação e de internalização, pode ser percebida ao verificarmos o desenvolvimento da espécie humana. Em meio às relações de trabalho, desenvolveram-se a criação e utilização de instrumentos, a fim de ampliar as capacidades dos indivíduos. No curso da história, foram elaborados, também, sistemas simbólicos capazes de possibilitar a representação da realidade. Por seu caráter coletivo, o trabalho requer o estabelecimento de comunicação entre os indivíduos. Em função disso, o grupo humano teve de criar um sistema de comunicação baseado em significados compartilhados. Nesse ponto, convém introduzirmos algumas noções saussureanas sobre o signo linguístico, especialmente a questão da arbitrariedade, a qual é retomada pelo ISD.

4 O ISD e a noção saussureana de signo

Conforme Bronckart (1999, p. 23), para a abordagem interacionista, é imprescindível considerar a arbitrariedade do signo linguístico, postulada por Saussure, já que esta “constitui uma contribuição teórica essencial para a compreensão do estatuto das relações de interdependência entre a linguagem, as línguas e o pensamento humano”.

Saussure, ao tratar da noção de valor linguístico, aborda a relação entre língua, pensamento e sons. O autor (1995, p. 130) afirma que, se tomado em si mesmo, o pensamento é uma nebulosa indefinida, de modo que “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua”. Tal como o nível do pensamento, que, antes do surgimento da língua, não apresenta delimitação clara, está o nível dos sons, não menos indeterminado.

Saussure resume sua posição frente à questão na seguinte passagem:

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor (SAUSSURE, 1995, p. 131).

É possível perceber relação entre o pensamento expresso por Saussure e o que é demonstrado por Vygotsky: não existe pensamento sem língua/linguagem: o pensamento se realiza na linguagem.

Ao definir língua como “sistema de signos”, de cunho social, Saussure a distingue claramente da realização (fala), de caráter individual. Para o autor (1995, p. 80), a unidade fundamental da língua é o signo linguístico, sendo este uma entidade psíquica de dupla face, composta por uma imagem acústica (significante) e por um conceito (significado).

Um dos princípios postulados por Saussure para o signo linguístico é a arbitrariedade deste. Conforme o autor: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então [...]: *o signo linguístico é arbitrário*” (SAUSSURE, 1995, p. 81). Nesse ponto, reside toda a adesão de Bronckart a Saussure, ao considerá-lo fundamental para o ISD.

Ao analisar tanto o **Curso de Linguística Geral**, quanto escritos de Saussure encontrados mais recentemente, Bronckart (2007) afirma que, com relação à significação dos signos, em função do caráter arbitrário, esta só pode decorrer de um acordo, uma espécie de consenso social, de modo que, em um determinado estado de língua (sincronia), os signos se definem uns com relação aos outros (noção de valor linguístico). Assim, conclui o autor (2007, p. 29-30): “o valor ou o significado de um signo é o produto de acordos sociais (relativamente) estabilizados e organizados em sistema”.

Nesse ponto, convém retomarmos que, no pensamento saussureano, o princípio da arbitrariedade do signo, associado à noção de sincronia, colocam a língua “como uma herança de uma época precedente” (SAUSSURE, 1995, p. 85). Nesse sentido, se o fato de não haver nenhum laço natural entre significante e significado coloca o signo, em princípio, como um “envelope vazio”, sempre possível de ser modificado (cf. Bronckart, 2007), quando nascemos, defrontamo-nos com uma língua já estruturada, sobre a qual o indivíduo não tem o poder de incidir qualquer alteração, haja vista que o valor de um signo é resultado de uma espécie de acordo social tácito, historicamente transmitido.

Com relação à divisão social (língua-principal) /individual (fala-secundária), Bronckart afirma que, tal como colocada no **Curso de Linguística Geral**, esta separação é, de fato criticável, mas, ao visitar os escritos de Saussure, é possível compreender que, no **Curso**, há certa redução da questão, que é bem mais complexa. De acordo com Bronckart (2007, p. 31-32), em diversas ocasiões, Saussure afirmou que, enquanto a língua é social, a fala é, ao mesmo tempo, social e individual, uma vez que “a língua é um conjunto de potencialidades; a fala é a realização de uma dessas potencialidades, por meio de um ato que pode ser, primeiro, singular (isto é, vir de um indivíduo particular), mas que é submetido a coerções sociais”.

Também de acordo com Bronckart (2007), a leitura dos escritos de Saussure permite perceber uma reavaliação do estatuto da fala, de modo a colocá-la como uma entidade ativa, de onde surgem todas as modificações que, mais tarde, passam a integrar o sistema da língua. Saussure chega a empregar o termo “discurso”, afirmando que as modificações absorvidas pelo sistema da língua ocorrem, antes de mais nada, na produção discursivo-textual, o que leva Bronckart a concluir que, em Saussure, o discurso não só realiza o sistema potencial da língua como também alimenta esse sistema, que, sem o discurso, não existiria.

Voltando à tese defendida por Vygotsky de que o pensamento humano consciente é constituído pela apropriação e interiorização dos signos de uma língua, podemos, mais uma vez, observar que esta converge com a posição adotada por Saussure quanto ao estatuto dos signos linguísticos. Conforme Bronckart (2006, p. 113), o caráter imotivado dos signos faz com que estes confirmem autonomia ao funcionamento psíquico, sendo esta uma condição fundamental para o estabelecimento de representações permanentes; o caráter discreto dos signos leva à estabilização de unidades, fato imprescindível para que se instaurem operações de pensamento; já o aspecto arbitrário, por sua vez, leva à reanálise das imagens mentais primárias, permitindo a emergência da consciência.

Na seção seguinte, veremos de que modo, no pensamento de Bakhtin, consciência e ideologia estão intimamente imbricadas.

5 O ISD e o pensamento de Bakhtin (Volochinov)

Em se tratando do estatuto e das condições de constituição do pensamento consciente humano, Bakhtin (2004) desenvolveu a relação entre discurso interior, unidade semiótica e ideologia. Contrariando a tese central do chamado subjetivismo individualista, segundo a qual a linguagem serviria apenas para expressar um conteúdo de ordem interior (mera transmissão do pensamento), o autor defende que “o pensamento não existe fora de sua expressão potencial e conseqüentemente fora da orientação social dessa expressão”, de modo que “fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção” (BAKHTIN, 2004, p. 117-118). No pensamento bakhtiniano, expressão e atividade mental exercem, entre si, um movimento dialético: a expressão não é somente resultado de uma consciência semioticamente constituída como também atua sobre essa atividade mental, estruturando a vida interior.

Nesse sentido, o autor afirma que a palavra, signo ideológico por excelência, é socialmente determinada em cada ato concreto de utilização (enunciação), sendo produto da interação social, apresentando, dessa forma, um caráter dialógico: “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém” (Ibidem, p. 113).

Ao aprofundar a relação entre palavra e ideologia, Bakhtin a coloca como um signo neutro. A palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica, podendo preencher qualquer espécie de função ideológica (estética, moral, religiosa, dentre outras). Conforme o autor, em confronto com a ideologia tida como oficial, que tende a tornar o signo monovalente, encontra-se a ideologia do cotidiano, a qual, como acontecimento, é marcada pela instabilidade. Desse modo, conforme Miotello (2005, p. 169), nesse embate de visões de mundo, a ideologia é tratada por Bakhtin como “expressão de uma tomada de posição determinada”. Nesse sentido, a palavra, como signo, pertence ao domínio do ideológico, uma vez que denuncia sua posição, o lugar valorativo de onde é enunciada.

Sintetizando as ideias apresentadas até o momento sobre as contribuições bakhtinianas,

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A

interação verbal constitui a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2004, p. 123)

Para Bakhtin, a interação verbal pode ser percebida de modo mais evidente no diálogo, sendo este não apenas a conversação face a face, mas toda comunicação verbal. Cada enunciado é um elo de uma cadeia ininterrupta de produções verbais, estando ligado a tudo o que veio antes e, pelo fato de já prever uma resposta, também aos enunciados que virão a partir dele. Nesse sentido, “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Na perspectiva bakhtiniana, as diferentes esferas de atividade humana produzem essas formas de enunciados que apresentam certa estabilidade quanto ao conteúdo temático (o que é dito), à composição (de que modo se estrutura o que é dito) e ao estilo (como é dito). Conforme Bakhtin (1997), é a existência dos gêneros que viabiliza as produções verbais humanas, fato que pode ser claramente comprovado se observarmos que a criança, no processo de aquisição da linguagem, apreende as formas de sua língua em meio a eventos comunicativos claramente delimitados, de modo que suas produções verbais, organizadas por meio dos gêneros, materializam-se em textos, os quais já se encontram no *arquitexto* de uma dada comunidade.

Desse modo, segundo Bronckart (2006, p. 139), para o ISD, constituídos utilizando-se os recursos de uma determinada língua natural (signos linguísticos) e também em função de modelos de organização disponíveis (gêneros), os textos podem ser definidos como “os correspondentes empíricos/linguísticos das atividades de linguagem de um grupo, e um texto como o correspondente empírico/linguístico de uma determinada ação de linguagem”. Assim como Bakhtin (2004, p. 124), o ISD toma, para a análise dos textos, uma perspectiva descendente, indo das atividades (de linguagem) aos textos e, a partir daí, aos componentes linguísticos que o constituem.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos os principais aspectos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), buscando situá-los em termos de sua filiação teórica. Nesse sentido, o ISD, como tentamos demonstrar, centrado nas noções de atividade e ação (de linguagem), fundamenta-se claramente em Vygotsky, Saussure e Bakhtin.

Em síntese, a articulação dos três autores no escopo do ISD leva-nos à seguinte relação: os *signos* (na acepção saussureana do termo), com seus significados (arbitrários), comungados historicamente pela comunidade de falantes, adquirem determinados sentidos (carregados ideologicamente) ao serem atualizados no interior de produções situadas sociohistoricamente (Cf. BAKHTIN, 1997; 2004). Tais produções, sempre vinculadas a esferas de atividade verbal humana, ocorrem sob a forma de enunciados, concretos e únicos, os quais, por sua vez, atualizam, sob a forma de textos, os *gêneros* em uso em determinada comunidade (na acepção bakhtiniana do termo). Pensando no nível ontogenético, os gêneros funcionam como *instrumentos* (Cf. a noção vygotskiana) que, ao serem

internalizados em meio a atividades sociais, propiciam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores nos indivíduos, permitindo que estes ultrapassem o aspecto biológico e atinjam a dimensão sociohistórica, que é típica do humano.

Desse modo, acreditamos na relevância do ISD, já que, por sua natureza não só teórica como metodológica, permite a análise de textos referentes às diversas e multifacetadas atividades e, com isso, uma maior compreensão do humano.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. A análise do signo e a gênese do pensamento consciente. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 93-120.

_____. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (Org.). Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 121-160.

_____. A atividade de linguagem em relação à língua – Homenagem a Ferdinand de Saussure. In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 19-42.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 167-177.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.